

# ARQUEOLOGIA EM PORTUGAL

2017 – Estado da Questão



ASSOCIAÇÃO  
DOS ARQUEÓLOGOS  
PORTUGUESES

Coordenação editorial: José Morais Arnaud, Andrea Martins  
Design gráfico: Flatland Design

Produção: Greca – Artes Gráficas, Lda.  
Tiragem: 500 exemplares  
Depósito Legal: 433460/17  
ISBN: 978-972-9451-71-3

Associação dos Arqueólogos Portugueses  
Lisboa, 2017

O conteúdo dos artigos é da inteira responsabilidade dos autores. Sendo assim a Associação dos Arqueólogos Portugueses declina qualquer responsabilidade por eventuais equívocos ou questões de ordem ética e legal.

Desenho de capa:

Levantamento topográfico de Vila Nova de São Pedro (J. M. Arnaud e J. L. Gonçalves, 1990). O desenho foi retirado do artigo 48 (p. 591).

Patrocinador oficial

  
ASSOCIAÇÃO  
DOS ARQUEÓLOGOS  
PORTUGUESES

  
MUSEU  
ARQUEOLÓGICO  
DO CARMO

  
LISBOA  
UNIVERSIDADE  
DE LISBOA

  
LETRAS  
LISBOA

  
FACULDADE DE CIÊNCIAS  
SOCIAIS E HUMANAS  
UNIVERSIDADE NOVA DE LISBOA

  
FUNDAÇÃO  
MILLENNIUM  
BCP

# OS COMPONENTES DE TEAR NO CASTELO DE PAVIA

Liliana Teles<sup>1</sup>, Leonor Rocha<sup>2</sup>

## RESUMO

O presente trabalho estuda um conjunto de materiais em cerâmica, designados como componentes de tear, do sítio do Castelo de Pavia, Mora. Este sítio foi escavado por Vergílio Correia no início do século XX. Com este trabalho apresenta-se um estudo tipológico e tecnológico dos materiais para elaborar uma possível aproximação à sua funcionalidade. Os dados obtidos foram então enquadrados no panorama regional para poder comparar as suas dimensões e características com os parâmetros regionais. Os componentes de tear são artefactos cerâmicos bastantes característicos nos povoados calcolíticos no Sul da Península Ibérica, sendo um elemento de grande importância para o estudo das transformações agro-pastoris e artesanais que caracterizavam estas comunidades, sendo uma expressão visível nas transformações 3<sup>o</sup> milénio a.n.e.

**Palavras-chave:** Componentes de tear, Castelo de Pavia, Placas, Crescentes, 3<sup>o</sup> milénio a.n.e.

## ABSTRACT

The present work studies a set of ceramics materials, properly designated loom components, from the Pavia Castle site, in Mora. This place was firstly excavated by Vergílio Correia in the beginning of the 20<sup>th</sup> century. With this essay there's a presentation of the typological and technological studies of the materials, in order to elaborate an approximation to their functionality. The data were framed in the regional panorama so there could be a comparison between the dimensions and characteristics with the regional parameters. The loom components are ceramics artefacts distinctive from the chalcolithic villages in the South of the Iberian Peninsula. They're of vastly importance for the study of agricultural, pastoral and handicraft transformations that were typical of these communities, being a visible manifestation of the 3<sup>rd</sup> millenium BCE transformations.

**Keywords:** Loom Components, Pavia Castle, Loom weight, Crescent-shaped, 3<sup>rd</sup> Millenium BCE.

## 1. INTRODUÇÃO

O presente artigo pretende demonstrar o estudo elaborado do conjunto de componentes de tear do Castelo de Pavia (Pavia – Mora), escavado por Vergílio Correia nos inícios do século XX, desde sempre fora bastante citado em artigos e monografias relativos ao estudo dos componentes de tear, devido ao vasto conjunto que o autor descrevia na sua obra, *El Neolítico de Pavia* (Correia, 1921).

Neste trabalho temos como objectivo elaborar uma análise morfológica e tecnológica do conjunto – placas e crescentes – com a finalidade de tentar uma aproximação à sua funcionalidade, assim como o seu enquadramento no panorama regional.

A elaboração da análise morfológica e tecnológica

é conseguida através de uma ficha descritiva e de uma tipologia, esta adaptada da monografia sobre os Componentes de Tear do Povoado de São Pedro (Redondo) (Costeira, 2010).

Devido à metodologia de escavação utilizada na época, o registo dos contextos estratigráficos ficaram muito deficitários, não sendo possível enquadrar os materiais a níveis estratigráficos, para poder tentar encontrar alguma área funcional ou elementos que nos atestem a produção destes materiais, daí o estudo se basear na componente tecnológica e morfológica incidindo sobretudo numa comparação com os dados existentes nas áreas regionais adjacentes.

Iremos começar por enquadrar o sítio, o estudo dos componentes e de seguida a análise do conjunto, tendo por fim algumas considerações finais a tecer

1. Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa; lteles@campus.ul.pt

2. Universidade de Évora; lrocha@uevora.pt

sobre a sua possível funcionalidade e o seu enquadramento no Ocidente Peninsular.

## 2. ENQUADRAMENTO DO SÍTIO – CASTELO DE PAVIA

O Castelo de Pavia, localiza-se no Alentejo Central, distrito de Évora, município de Mora, freguesia de Pavia. Trata-se de um povoado calcolítico, escavado por Vergílio Correia, entre 1914 e 1918, altura em que o investigador procedia, também à escavação de momentos megalíticos funerários da área de Pavia.

O Castelo de Pavia localiza-se na extremidade Norte do Distrito de Évora, perto do distrito de Santarém e Portalegre, na transição, segundo a carta das Regiões Naturais do Atlas do Ambiente, da região natural do Ribatejo, como do Alentejo, sub-região da Charneca de Ribatejo – Sul. Em termos geológicos abrange, essencialmente, duas formações: nas extremidades da bacia terciária do Tejo e o substrato antigo, na maior parte constituído por granites que condicionaram o povoamento desta área (Rocha, 1998). (Figura 1)

Em relação à rede hidrográfica, a área de Pavia pertence à bacia do rio Sorraia, subsidiária da margem esquerda do Tejo. Em termos gerais, as ribeiras apresentam uma grande irregularidade fluvial, de estiação mais severa e escoamento mais concentrado, no verão. (Rocha, 1998: 25-26)

Em termos pedológicos, a área insere-se numa mancha de complexo gresoso-argiloso e conglomerático dos planaltos, predominando os solos sem qualquer aptidão agrícola (classe D e E), de acordo com os parâmetros actuais. (Rocha, 1998)

O Castelo de Pavia encontra-se num esporão acentuado na margem esquerda da Ribeira de Têra, de encostas íngremes, numa área em que a ribeira se encontra bastante encaixado, o que revela preocupações de carácter defensivo, sendo uma potencial estrutura defensiva (um muro de pedra cerca de um metro), encontrado por Vergílio Correia. (Correia, 1921: 12)

No interior do recinto, o autor identificou umas manchas de sedimento escuro de contorno semi-circular ou elíptico, onde estaria o material arqueológico, interpretando-o como vestígios de cabanas. (Correia, 1921: 13) As características do espólio recolhido por Vergílio Correia atestam uma ocupação do Calcolítico pleno, contudo existem alguns materiais (como bordos almendrados) que podem remeter para uma ocupação deste local já no Calco-

lítico inicial (neste caso, coexistindo com o povoado de Pavia, localizado a menos de um metro o que não deixa de ser estranho) ou, existir uma sobrevivência deste tipo de materiais até mais tarde. Em relação a este assunto, as opiniões existentes podem ser algo divergentes, e neste caso, de difícil clarificação dadas as condições do registo realizado. (Rocha, 1999; Andrade *et al.*, 2016: 45)

O conjunto é assim, genericamente, constituído por elementos de mó, um vasto número de machados, grandes lâminas retocadas e pontas de seta de base côncava e de aletas de sílex, uma grande quantidade de pratos de bordo espessado, alguma cerâmica com decoração simbólica, muitas dezenas de elementos de tear, quer placas, quer crescentes, sendo estes o conjunto em estudo.

A metalurgia do cobre está atestada quer por artefactos metálicos e de um algarviz de barro, indicando uma possível área de actividade metalúrgica, sendo a única que se conhece na área de Pavia. (Rocha, 1999; Andrade *et al.*, 2016: 45)

Relativamente ao povoamento da Pré-história recente, esta é uma área de elevada concentração de monumentos megalíticos e de vestígios de habitat. Para além dos trabalhos realizados nos inícios do séc. XX por Vergílio Correia (Correia, 1921), a área de Pavia teve outros trabalhos arqueológicos, como os de Irisalva Moita na década de 50 do séc. XX (Moita, 1956) e, mais recentemente os de Leonor Rocha que tem vindo a desenvolver projectos de investigação nesta região desde 1994, em torno do megalitismo, do povoamento e arte rupestre (Rocha, 1999, 2005).

## 3. PLACAS E CRESCENTES

### Enquadramento ao estudo

Os componentes de tear – placas e crescentes – são presenças quase constantes nos contextos relacionados com as comunidades calcolíticas do Ocidente Peninsular, mesmo que, por vezes, encontradas em menor número, surgem tanto nas áreas habitat como em necrópoles.

Durante muito tempo, pelo menos até aos anos 70/80 estes materiais eram algo enigmáticos, sendo alvo de diversas interpretações.

De facto, no final do século XIX e inícios do século XX a referência aos pesos de tear surgia com relativa frequência nas diversas publicações da especialidade, desde Estácio da Veiga (1889), Leite Vasconcellos (1916, 1918 e 1929), Vergílio Correia

(1914,1921), e Afonso do Paço (1940,1953,1961), apresentando-se diversas interpretações para estes materiais. Os pré-historiadores não estavam totalmente de acordo, alguns consideravam-nos pesos de tear, outros elementos de fornos de fundição ou de aplicação indeterminada, também há época teriam uma área limitada – centro do país e sudoeste espanhol. (Paço: 1940)

Ainda, contrariamente às placas, o estudo dos pesos tipo crescentes era pouco aprofundado e por menorizado, não sendo consensual para a maioria dos autores, Vergílio Correia era dos poucos autores que considerava os crescentes como peso de tear, a maioria considerava-os possíveis objectos de adornos ou elementos de fundição metalúrgica. (Costeira, 2012: 27)

Com o avançar do século, nomeadamente, nos últimos anos da década de 80 assistiu-se a uma mudança no estudo e análise dos componentes de tear – placas e crescentes – motivadas pelas análises morfotecnológicas que então marcavam a arqueologia portuguesa, passam a ser, assim, quantificados e contextualizados quer espacialmente quer cronologicamente nos sítios encontrados, coisa que até então não acontecia. (Costeira, 2012: 27)

Os anos 90 do séc. XX, foram marcados pela tentativa de normalização do estudo dos componentes de tear, aparecendo as primeiras teses sobre o assunto, não só sobre o enquadramento espacial, como também as suas relações com as técnicas de tecelagem, ganharam um novo destaque. (Diniz, 1994; Gomes, 2003; Costeira, 2012: 27)

Apesar da denominação “peso de tear” continuar bastante intrínseca na comunidade académica, tende-se, cada vez mais, a procurar um nome mais abrangente à possível funcionalidade destes materiais para a tecelagem. Contudo encontrar testemunhos no registo arqueológico, em Portugal, que ajude a comprovar a tecelagem é uma problemática bem inscrita na arqueologia portuguesa que estuda os povoados calcolíticos e consequentemente as transformações do quotidiano no 3º milénio.

#### Os componentes de tear no castelo de Pavia

Com o estudo do conjunto do Castelo de Pavia pretende-se dar a conhecer os materiais e como se integram no panorama regional do 3º milénio a.n.e. Podemos considerar estas placas e crescentes como componentes de tear, isto é, artefactos imprescindíveis na tarefa de tecer, podendo desempenhar

diversas funções no mecanismo e não unicamente como “peso de tear”, designação ainda utilizada no vocabulário da comunidade académica.

A placa é um artefacto, normalmente, cerâmico podendo também existir em outras matérias-primas, como osso, pedra ou madeira, apesar de estes serem mal documentados na arqueografia portuguesa, devido às más condições inerentes ao nosso clima e solos. A placa pode ser rectangular ou quadrangular, com múltiplas perfurações. Os crescentes, também em cerâmica têm uma forma curva com alguma variabilidade na morfologia da secção (desde o circular até ao mais rectangular) e usualmente possui 2 perfurações.

Utilizando e adaptando a ficha descritiva elaborada no âmbito do estudo dos Componentes de Tear no povoado de S. Pedro (Costeira 2010), descrevemos este conjunto, para que seja mais fácil comparações com outros conjuntos, tentando batalhar para uma normalização de conceitos e características, que se têm desenvolvido desde o início do século XXI.

Como tal esta ficha foi organizada em cinco partes:

- I) Localização (número de inventário e local de depósito, visto que parte das peças encontram-se expostas no Núcleo Regional do Megalismo de Mora e as restantes no Museu Nacional de Arqueologia);
- II) Morfologia;
- III) Caracterização métrica;
- IV) Perfurações e a sua caracterização métrica;
- V) Análise tecnológica;

No que concerne às decorações, apesar de Vergílio Correia ter constantemente afirmado existirem algumas peças decoradas, até então só foi encontrada uma peça com possível decoração em espiga. Quanto aos vestígios de uso, a tentativa de observar o desgaste das perfurações era uma tarefa ambiciosa para o tempo e a dimensão do artigo e haveria que ter em conta quer os erros humanos (que poderia resultar do processo de fabrico das perfurações), que é observável em várias peças do conjunto, como também a possível reutilização de perfurações levando a um conjunto de vestígios que poderia conduzir a erros de interpretação. (Boaventura, 2001)

No Castelo de Pavia, encontraram-se um total de 114 componentes, estes constituídos por placas e crescentes, contudo é visível uma grande discrepância nos materiais aí encontrados, sendo maioritariamente placas, 101 peças, e apenas 13 crescentes.

É visível no conjunto uma grande conservação dos

materiais, estando integralmente mensuráveis 111 peças, sendo os crescentes que estão mais fragmentados, com 2 peças com topo e perfuração e 2 peças contendo unicamente o fragmento mesial (Gráfico 1). Relativamente às placas, estas caracterizam-se por apresentarem uma forma rectangular, podendo-se observar uma diversidade de variantes, sobretudo através dos contornos, que nos permitem definir diferentes tipos, que consecutivamente se organizam em diversas variantes segundo as características das arestas/cantos e número e localização das perfurações. (Costeira, 2013)

No conjunto de Pavia, das 101 placas podemos distinguir entre rectangular e quadrangular, entre estas têm algumas variantes:

- Placa rectangular de arestas vincadas/angulosas com cantos angulosos (P.I.1);
- Placa rectangular de arestas arredondadas com cantos arredondados (P.I.2);
- Placas ovaladas (P.II);
- Placas Hiperbolóides (P.III).

No Castelo de Pavia a variante predominante são as placas de arestas arredondadas e de cantos arredondados, com 44 peças, de seguindo-se as placas ovaladas, com 29 peças e as placas com menos expressão são as placas rectangulares de arestas vincadas e de cantos angulosos e as hiperbolóides, a primeira com 29 peças e a última com 5 peças. Esta tendência é semelhante à registada no povoado de S.Pedro (Redondo), com 707 das placas tipo P.I.2, mas diferente do que ocorre no povoado do Pombal (Monforte), onde a tendência gira em torno das placas de arestas vincadas e angulosas com cantos angulosos. Esta variabilidade pode, não só estar modelação da peça, mas também á sua funcionalidade no mecanismo de tecer e eventualmente a factores tafonómicos que podem erodir as peças. (Boaventura, 2001; Costeira, 2012) (Gráfico 2).

Em relação às perfurações só existem 3 placas com 2 perfurações, sendo as restantes de 4 perfurações, estas, maioritariamente, junto as extremidades, sendo uma quantidade mínima as placas que têm as perfurações centradas. As placas com 2 perfurações têm as perfurações, também, junto às extremidades laterais.

Em termos métricos a variabilidade está presente nas diferentes formas, contudo não altera muito consoante o tipo, as placas rectangulares têm um comprimento entre 5-12 cm, largura entre os 2-8 cm e um espessamento entre os 0,8 e os 3 centímetros, com um peso que ronda entre os 15 e os 235 gramas, as placas ovaladas, também têm valores métricos similares às placas rectangulares, mas são um pouco mais robustas, mesmo que o comprimento seja entre 5-12 cm e a largura entre os 3 e os 7 cm, estas rondam, maioritariamente os números mais altos, com pesos entre os 20-220 gramas; as placas hiperbolóides, são um conjunto deficitário, com uma amostra de 5 placas, contudo estas têm traços também robustos, com um comprimento entre os 7-10 cm e uma largura entre os 3 e os 4 cm, pesando entre 70-95 gramas.

Relativamente às características métricas os valores são bastante similares com os registados em outros povoados do Alentejo, junto à margem esquerda do Guadiana, sendo bastante díspar com os valores da Beira Alta e Trás-os-Montes, é possível ver através da comparação na tabela abaixo com o sítio de Freixo Numão. (Costeira, 2012) Também é possível observar que o conjunto de componentes de Tear do Castelo de Pavia referente ao Índice de Espessamento e o Índice de Alongamento encontrasse entre as duas áreas regionais, Estremadura e Alentejo, com números diferentes de ambas as áreas, tendo uma variedade métrica de placas que não se enquadra directamente em nenhuma das áreas (Tabelas 1 e 2).

	Castelo de Pavia	S. Pedro	Pombal	Freixo Numão
Comprimento	5 – 12 cm	6 – 13 cm	5,1 – 10,3cm	11 – 13 cm
Largura	2 – 8 cm	1 – 6 cm	1,6 – 6 cm	6,4 – 9,2 cm
Espessura	0,8 – 3 cm	0,5 – 3,5 cm	1 – 2cm	2 – 4 cm
Peso	20 – 235 gr.	10 – 230 gr.	10 – 115 gr.	180 – 350 gr.

Tabela 1 – Tabela comparativa dos valores métricos em vários povoados do Alentejo e também na área das Beiras Altas.

	Castelo de Pavia	Pombal	Estremadura	Alentejo	Beiras Altas e Trás-os-montes
IA	70-85	33-53	80-250	28-51	140-200
IE	20-40	10-21	20-60	10-20	35-60

Tabela 2 – Tabela Comparativa dos Índices de Alongamento (IA) e nos Índices de Espessamento (IE) nas várias áreas regionais (Costeira, 2010).

Como se referiu anteriormente, os crescentes têm pouca expressão no sítio, tendo sido encontrados um total de 13 exemplares. Contudo, há que ter em conta a falta de metodologia à época e a recolha de artefactos inteiros poder ser preferida em relação á recolha de fragmentos. Se tomarmos em conta o facto dos crescentes serem mais fáceis de fracturar devido à sua morfologia ou pasta, o que está implícito em vários povoados onde a grande maioria das peças são fragmentos, é provável que este valor esteja subvalorizado no Castelo de Pavia.

Em termos gerais, dos crescentes recolhidos neste estão inteiros, ou já foram colados 10 peças, sendo as restantes 3 fragmentos, 2 de topo e 1 mesial. Relativamente à amostra, são maioritariamente sub-rectangulares, existindo unicamente 3 peças com secção circular.

O conjunto apresenta valores métricos balizados entre os 8,3 e os 10, 3 cm de comprimento, 1,3 e os 2,2 de largura, e 0,7 e 1,1 cm de espessamento, pesando entre as 20 e 30 gramas. Mais uma vez se verifica que estes valores se aproximam dos registados no povoado de S. Pedro (Redondo), e dos valores dos povoados da margem esquerda do Guadiana. (Costeira, 2012)

O número de perfurações é constante, isto é, duas perfurações, localizadas próximas das extremidades. Relativamente à tecnologia destes componentes (placas e crescentes) são maioritariamente, fabricados com pastas compactas e semi-compactas, com uma grande quantidade de componentes não plásticos, desde feldspatos, aos quartzos, micas, biotites e hematites, tendo maior expressão elementos de médias e grandes dimensões. Com uma cozedura em grande parte oxidante, ainda que com algumas peças com cozedura redutora (35 peças), o seu tratamento de superfície é maioritariamente alisado, existindo ainda 27 peças polidas. Estas técnicas são prova que estes materiais são feitos com uma consistência e uma boa resistência, o que poderá ser um bom indicador do papel funcional destes elementos. (Boaventura, 2001) (Figuras 2 e 3).

#### 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os componentes de tear do Castelo de Pavia são mencionados em artigos da especialidade, desde o início do século XX. Este conjunto formal e tecnológico tem uma grande variabilidade, quer na morfologia dos materiais quer nas suas medidas, o que pode indiciar diversas funcionalidades inerentes ao mecanismo de tecer.

Com o estudo específico dos componentes de tear, tem-se procurado evoluir na investigação sobre a tecelagem e várias aproximações aos mecanismos de tecer, pois sem elementos físicos de tais mecanismos ou de produção destes componentes é de elevada dificuldade compreender a funcionalidade destes elementos.

Relativamente à quantidade de placas e à sua morfologia, as suas subvariantes, diversidade métrica o posicionamento das suas perfurações, tornam possível, em conjectura, a sua utilização para um tear de placas, proposto por Cardito Rolan, este propunha que as placas podiam servir para separar os fios da urdidura no tear e não só um peso, como grande parte dos investigadores ainda consideram tal hipótese. (Rollan, C., 1996: 130; Costeira, C., 2010)

Os teares de placas compõe-se por placas poligonais com número variável de perfurações, localizadas nas extremidades destas, tendo um suporte, provavelmente, diversificado desde troncos de árvores e postes, estacas cravadas no solo onde o fio da urdidura ficava presa. As placas sendo peças muito variadas têm de ser relativamente homogéneas, isto é, devem ser utilizadas placas similares na mesma série para que não haja distorções no tecido e garanta a operacionalidade do tear. (Costeira, 2010: 41)

O mecanismo baseia-se na alternância de uma série de fios da urdidura mediante a rotação das placas, o que permite o entrelaçamento para a produção do tecido. Os tecidos produzidos nestes teares deviam ser mais são alongados, sendo as restantes características determinadas pela quantidade e direcção da rotação, como também o número e localização das perfurações nas placas. (Idem, Ibidem)

Enquanto o tear de pesos, sendo o mais normalizado nos estudos sobre tecelagem. A urdidura é montada em posição vertical com a parte superior presa em diversos suportes e a interior preso a elementos que garantem a tensão com o seu peso, com esta estrutura é possível a produção de tecidos complexos, de grandes dimensões e decorados. (Idem, Ibidem) Os componentes que exercem a função de peso podiam, por um lado, ser produzidos com medidas diversificadas e em número variável de perfurações em função da quantidade de fios utilizados. (Idem, Ibidem)

Relativamente às perfurações e a sua quantidade, à que ter em conta que as placas com 4 perfurações podem ser posicionadas horizontalmente, o que permitia uma melhor rentabilização dos componentes. (Boaventura, 2001) Contudo, há que ter em conta a necessidade de se possuírem séries normalizadas de placas para garantir a sua operatividade.

Relativamente, aos materiais que foram encontrados no Castelo de Pavia, a sua diversidade morfológica leva-nos a considerar a possibilidade de existirem diferentes tipos de teares (placas e crescentes) como também se deve de ter em conta o tear de pesos, pois uma possibilidade não invalida a outra.

Contudo, há que ter em conta, também, a normalização das séries, isto é, a necessidade de medidas e características homogêneas para o mecanismo operar de forma útil.

Devido à diversidade que se encontra no Castelo de Pavia, quer métrica quer de características morfológicas pode-se conjecturar a utilização de vários mecanismos de tear para a produção de tecido, consoante as necessidades que tinham.

Situando-se a área de Pavia ainda numa área de circulação, isto é, pode-se considerar um corredor de circulação entre a Estremadura (quer portuguesa, quer espanhola) e o Alentejo, que se situaria na zona da Charneca do Ribatejo, ou seja, ligava pelo Rio Sorraia, afluente do Rio Tejo, através da Ribeira de Têra à Serra d'Ossa e à área do Guadiana. Esta localização poderia colmatar a discrepância de componentes de tear que encontramos entre os povoados da Estremadura e a abundância que existe nos povoados alentejanos, podendo traduzir-se então em trocas comerciais, necessitando estes povoados alentejanos de uma produção especializada. (Costeira, 2010)

Relativamente aos crescentes, é de maior dificuldade conjecturar a sua funcionalidade devido à sua amostra ser bastante deficitária. Estes têm uma morfolo-

gia peculiar, Sérgio Gomes sugere que em termos métricos quer dos crescentes quer das suas perfurações estes assemelham-se as placas rectangulares. (Gomes, 2003: 117)

Colocando como hipótese, tal como Rui Boaventura, a possibilidade de um tear com pesos em forma de crescente, apresentam uma morfologia que dá continuidade às técnicas dos teares com placas de 2 perfurações sendo estes mais adequados à sua utilização em teares verticais de pesos. Colocados perpendicularmente à trave que segura a urdidura permite uma maior aproximação entre os fios e consequentemente um tecido mais resistente. (Gomes, 2013)

Existindo a hipótese de coexistir em várias técnicas de tecer, visto os crescentes terem uma similitude morfológica com as placas rectangulares de 2 perfurações, remetendo para uma forte associação entre si. No Castelo de Pavia, quer os crescentes quer as placas rectangulares de duas perfurações são minoritárias no conjunto do sítio, sendo difícil associá-los a um mecanismo de tecer, sendo necessário, ter em atenção, da possibilidade, de como se referiu anteriormente, as peças recolhidas serem uma percentagem do total existente.

Relativamente ao enquadramento cultural dos componentes de tear, numa macro escala seriam separados entre o Norte e Centro com placas robustas, enquanto a Sul (Alentejo e Algarve) teriam características mais delicadas, ocorrendo dois grandes grupos, as placas e os crescentes.

Em termos gerais, parece ser possível dividir o actual território português em áreas regionais, com características diversificadas, o que pode advir de necessidades específicas, quer ao nível da matéria-prima, climática ou mesmo a distintas tradições de tecelagem. (Costeira, 2010)

Existe então o Norte litoral com as áreas de Trás-os-Montes e Beiras Altas, onde existem placas, rectangulares e ovaladas, com características métricas muito robustas, 2 a 4 perfurações localizadas em zonas diversificadas, tal é possível observar com o estudo do Castro de Santiago, Fornos de Algodres e raros crescentes. (Valera, 1997; Costeira, 2012)

Na área da Estremadura a forma de componente de tear mais expressiva é a placa, rectangulares, quadrangulares ou ovaladas, com medidas mais curtas, menos espessas e mas curtas, relativamente ao que se observa no Norte, e onde os crescentes continuam a ser realidades circunscritas. (Diniz, 1994; Branco, 2007; Costeira, 2012)

No Alentejo é característico os crescentes e as placas, aparecendo em abundância nos povoados, algo que não acontece, com a mesma expressividade nos povoados Estremadura. Nesta área encontra-se uma grande variedade de formas, sendo estas mais leves, menos espessas e mais curtas do que se encontra quer a Norte, quer na Estremadura, o que atesta também, uma maior component da pastorícia nesta área. Apesar do Castelo de Pavia, se encontrar localizado no Alentejo Central apresenta características métricas que não se enquadram nem Estremadura, nem no Alentejo, parecendo ser, uma área de confluência destas duas áreas, um ponto de ligação entre estes dois territórios, tão distintos em alguns componentes no 3<sup>a</sup> milénio a.n.e.

Por último, temos a região do Algarve, caracterizada pela quantidade de crescentes e a inexistência de placas. No entanto, na Andaluzia existem casos de placas associadas a crescentes, o que ainda não foi encontrado na região Algarvia. (Costeira, 2012; Gonçalves, 1989)

A imagem que, no estado actual dos nossos conhecimentos existe do Ocidente Peninsular, relativamente à dispersão dos componentes de tear, permite supor a existência de especificidades regionais com diferentes técnicas de tecelagem, associados a diferentes estilos e tradições culturais que podem circular, como as cerâmicas ou os materiais de presépio ao longo das regiões.

## BIBLIOGRAFIA

ANDRADE, Marco; COSTEIRA, Catarina; MATALOTO, Rui (2016) – Placas de Xisto Gravadas em Contexto de Povoado o caso do Castelo de Pavia (Mora). *Almadan*. Série II (tomo 20), pp. 43-53.

ARNAUD, José Morais; GONÇALVES, João Ludgero (1995) – A fortificação pré-histórica de Vila Nova de S. Pedro (Azambuja) – balanço de meio século de investigação. *Revista de Arqueologia da Assembleia Distrital de Lisboa*. Lisboa. 2, pp. 11-40.

BOAVENTURA, Rui (2001) – O sítio calcolítico do Pombal (Monforte): Uma recuperação possível de velhos e novos dados. Lisboa. Instituto Português de Arqueologia. (*Trabalhos de Arqueologia*, 20).

BRANCO, Maria Gertrudes (2007) – A Pedra de Ouro (Alenquer): uma leitura actual da colecção Hipólito Cabaço. Lisboa. Instituto Português de Arqueologia. (*Trabalhos de Arqueologia*, 49).

DINIZ, Mariana (1994) – Pesos de tear e tecelagem no calcolítico em Portuga. In *Trabalhos de Antropologia e etnologia*.

Porto. *Actas do Primeiro Congresso de Arqueologia Peninsular* 34: 3-4, pp. 133-149.

CARDITO RÓLLAN, Luz M. (1996) – Las manufacturas textiles en la prehistoria: Las placas de telar en el Calcolítico Peninsular. *Zephyrus*. Salamanca. 49, pp. 125-145.

CORREIA, Virgílio (1914) – Os pesos de Tear. *Revista a Águia – Órgão da Renascença Portuguesa*. Porto. Série 2,6, pp. 176-181.

CORREIA, Virgílio (1921) – El Neolítico de Pavia (Alentejo, Portugal). Madrid. Comisión de Investigaciones Paleontológicas e Préhistóricas (*Memorias* 27), pp. 22-24.

COSTEIRA, Catarina (2010) – *Os Componentes de Tear do Povoado de S. Pedro (Redondo, Alentejo Central), 3<sup>o</sup> Milénio a.n.e.*, Dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

COSTEIRA, Catarina (2012) – Placas e crescentes – Análise de um conjunto de componentes de tear do sítio arqueológico de S. Pedro (Redondo), 3<sup>o</sup> milénio a.n.e. *Arqueologia e História*, pp. 23-37.

COSTEIRA, Catarina (2013a) – Os Componentes de tear do sítio arqueológico Alto de Briches 3 (Serpa, Baixo Alentejo). *VI Encuentro de Arqueología del Suroeste Peninsular*. pp. 596-624.

COSTEIRA, Catarina; MATALOTO, Rui (2013b) – Os componentes de tear do povoado de S. Pedro (Redondo, Alentejo Central). *VI Encuentro de Arqueología del Suroeste Peninsular*, pp. 623-667.

GOMES, Sérgio (2003) – *Contributos para o estudo dos “pesos de Tear” de castelo Velho de Freixo Numão (Vila Nova de Foz Côa): Exercícios de interpretação do registo arqueológico*. Porto. Dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto (Edição policopiada).

GOMES, Sérgio (2013) – “Tecelagem Pesca: os pesos”. In Valera, A.C. (org.) – *As comunidades agro pastorais na margem esquerda do Guadiana (2<sup>a</sup> metade do IV aos finais do II milénio AC)*. EDIA. Colecção Memórias d’Ódiana, pp. 109-126.

GONÇALVES, Victor (1989) – *Megalitismo e metalurgia no Alto Algarve Oriental: Uma aproximação integrada*. Lisboa: UNIARQ; INIC., 2 vols.

GONÇALVES, Victor (2003) – *Sítios, «Horizontes» e Artefactos: leituras críticas de realidades perdidas*. Cascais: Câmara Municipal.

MOITA, Irisalva. (1956) – Subsídios para o estudo do Eneolítico do Alto Alentejo. *O Arqueólogo Português*. III. Lisboa, pp. 135-176.

PAÇO, Afonso (1940) – Placas de Barro de Vila Nova de S. Pedro. *Congresso do Mundo Português. Vol.I / Memórias e comunicações apresentadas ao congresso de Pré e Proto-História*, Lisboa, pp. 236-249.

ROCHA, Leonor (1998) – *Povoamento Megalítico de Pavia. Contributo para o conhecimento da pré-história Regional*. Dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

ROCHA, Leonor (2005) – *As origens do megalismo funerário no Alentejo Central: a contribuição de Manuel Heleno*. Tese de doutoramento policopiada. Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

VALERA, António (1997) – *O castro de Santiago (Fornos de Algodres – Guarda)*. Aspectos da calcolitização da bacia do Alto Mondego. Lisboa: Câmara Municipal de Fornos de Algodres. (*Textos Monográficos* 1).

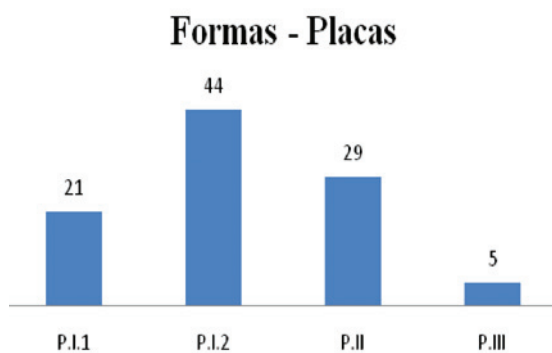


Gráfico 1 – Gráfico que ilustra a discrepância dos componentes e o respectivo estado.

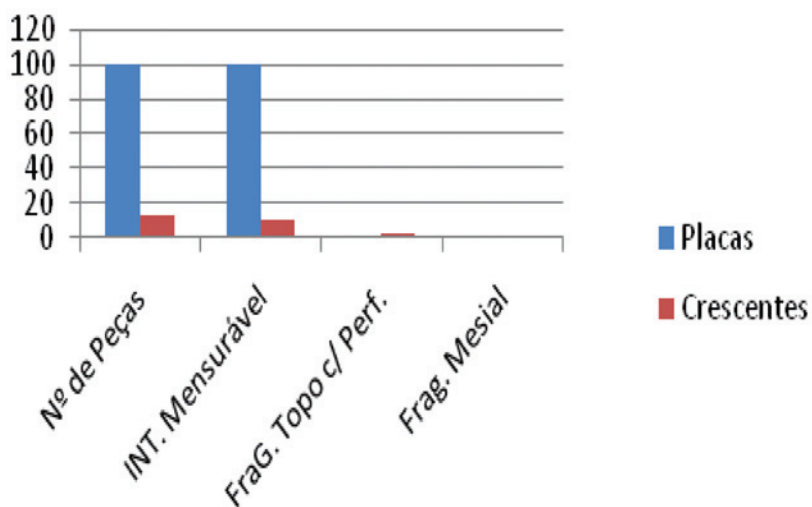


Gráfico 2 – Variantes de formas dos componentes Placa encontradas no Castelo de Pavia.

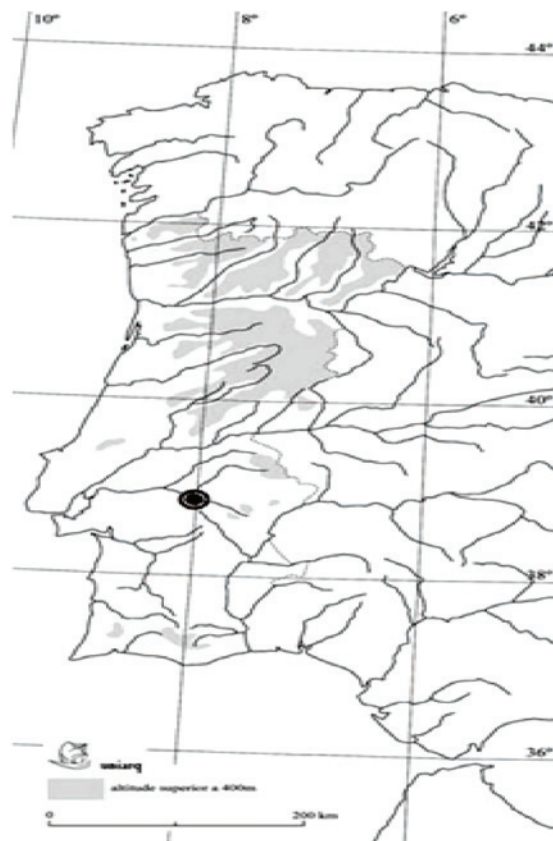


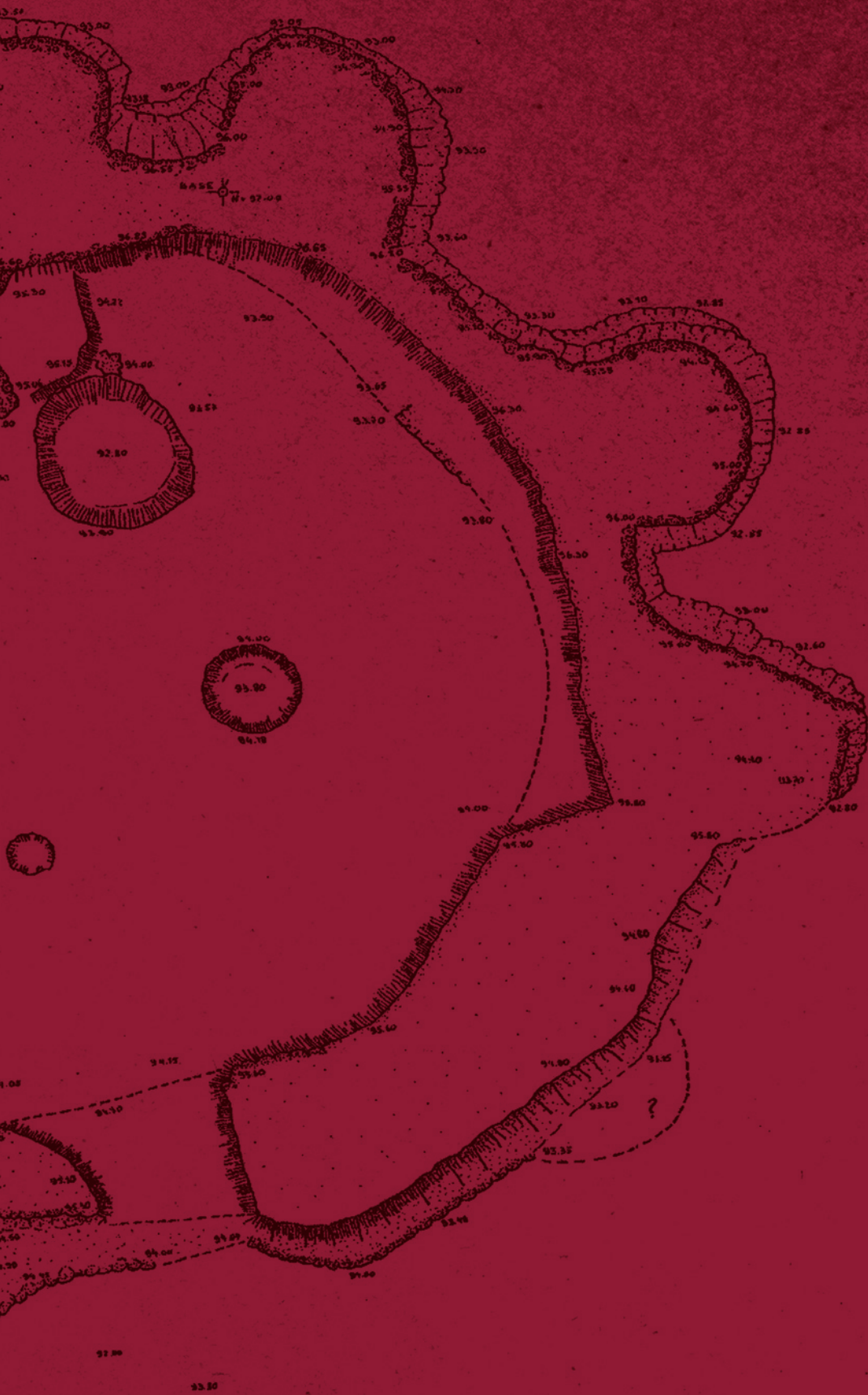
Figura 1 – Localização do Castelo de Pavia, no Ocidente Peninsular. (ANDRADE, M.; MATALOTO, R.; COSTEIRA, C. 2016 p. 44).



Figura 2 – Crescente sub-rectangular, com cozedura oxidante, erodido devido a processos tafonómicos. (Fotografada no MNA).



Figura 3 – Placa rectangular com cozedura redutora, e bastantes componentes não plásticos de média e grande dimensão. (Fotografada no MNA).



Patrocinador oficial